



SOBRE A ANTROPOLOGIA DE ANTONIO GRAMSCI¹

Dario Ragazzini²

Resumo

Este artigo retoma o debate sobre a concepção de homem elaborada por Antonio Gramsci em seus Cadernos do Cárcere. Para tanto, retoma-se a nota 54 do Caderno 10, intitulada *Introdução ao estudo da filosofia. O que é o homem?* para aprofundar o raciocínio interpretativo sobre a antropologia gramsciana, que foi exposto no livro *Teoria da personalidade na sociedade massa: a contribuição de Gramsci*. Sustentada pelo prefácio de 1859 – Para a crítica da economia política – de Marx, a concepção de homem em Gramsci fornece sólidos fundamentos para uma teoria da personalidade que compreende a constituição do indivíduo enquanto resultante da materialidade dos processos e das relações humanas.

Palavras-chave: História da educação. Antonio Gramsci. Concepção de homem. Antropologia.

ON THE ANTHROPOLOGY OF ANTONIO GRAMSCI

Abstract

This article recalls the debate concerning the conception of man developed by Antonio Gramsci in his Prison Notebooks. For this purpose, the note 54 of the Notebook 10 is recalled, entitled *Introduction to the study of Philosophy. What is Man?* to analyze the interpretative reasoning on Gramscian anthropology, which was presented in the book *Theory of personality in the mass society: Gramsci's contribution*. Supported by the *Preface of 1859 - To the Critique of Political Economy - by Marx*, the conception of man in Gramsci provides a sound foundation to a theory of personality which includes the constitution of the individual as resulting from the materiality of the processes and from human relationships.

Keywords: History of education. Antonio Gramsci. Conception of man. Anthropology.

Vale a pena voltar à nota 54 do Caderno 10, intitulada *Introdução ao estudo da filosofia. O que é o homem?* Eu gostaria de desenvolver melhor o raciocínio interpretativo antecipado em meu livro *Teoria da personalidade na sociedade de massa. A contribuição de Gramsci, SP, Autores Associados, 2005* e retornar a algumas passagens.



A nota tem um papel central na reflexão escrita de Gramsci, porque nesta é declarada uma antropologia explícita e é delineado um projeto de pesquisa. Contemporaneamente tais aspectos são ancorados, por um lado na sua elaboração social e por outro no seu programa de diálogo e de contestação à cultura e às ideologias contemporâneas.

À leitura, a nota se mostra dotada de uma grande força sugestiva fundamentada em uma argumentação densa. Mostram-se interconexos e múltiplos níveis de raciocínio do individual e do social, assim como aqueles da necessidade de uma nova qualidade de teorização sobre os temas da personalidade, de sua especificidade temática e de sua capacidade de difusão nas percepções ideológicas e nas elaborações teóricas.

Contemporaneamente não se pode negar que tal nota suscitou em muitos leitores mais prevenidos, alguma perplexidade. Pareceu que a definição de homem, nesta contida, (“o homem é o processo dos seus atos”) fosse devedora nas expressões linguísticas e também naquelas conceituais da configuração neo-idealista italiana. A partir daqui, duas abordagens diversas: aquela que recolocava no contexto de outras notas e outros passos mais materialistas e aquela que assinalava criticamente em não-materialismo ou o anti-materialismo que não só teria marcado tal lado sobre o individual da sua reflexão, mas também aqueles social e histórico.

Vejamos este passo de Cesare Luporini, que na apresentação do congresso gramsciano de 1958, ou seja, em uma ocasião de promoção e celebração de Gramsci, não evita colocar o problema e individuar correções internas à própria configuração de Gramsci³:

Poder-se-ia pensar que nesta solução gramsciana do homem na história (“o homem é um processo e exatamente o processo dos seus atos”), ainda que a história seja entendida [...] em um sentido “não formal”, perde-se o componente naturalista do marxismo. E, todavia, esta seria uma interpretação bastante unilateral, pois incompleta (e se tornaria tendenciosa), do pensamento de Gramsci. (LUPORINI, 1969, p. 456-459, tradução nossa).

É necessário acrescentar que, se é verdade que o marxismo, como revolução filosófica é coincidência de naturalismo e humanismo (os quais na sua completude se convertem um no outro), pode ser que exista em Gramsci, de fato, sobretudo por razões de polêmica interna (contra as penetrações de materialismo metafísico no marxismo), certa atenuação da instância ou do componente *naturalista* em relação ao *humanista*, um desequilíbrio neste sentido. Quem escreve o considera. A Gramsci interessou, sobretudo, o lado humano (e, portanto ideológico, superestrutural, histórico) da questão da *objetividade*, em torno da qual as suas reflexões são de grande importância e originalidade. (LUPORINI, 1969, p. 456-459, tradução nossa).

Menos filologicamente convincente é a proposta de Lucien Sève em 1973 que queria a formulação gramsciana inspirada diretamente na *Ideologia alemã*, pois o foco do raciocínio marxista é orientado naquele passo, textualmente “a organização social e ao Estado”. Não totalmente compartilháveis as considerações apresentadas por Sève de que as relações das quais fala Gramsci sejam imediatamente sociais e a contestação da exigência e do programa gramscianos de uma nova teoria da personalidade e da consciência. Eis o passo⁴:



Certamente em Gramsci também não faltam formulações muito interessantes para a teoria da personalidade, e em especial esta frequentemente citada: “O homem é um processo e é exatamente o processo dos seus atos” - fórmula diretamente inspirada naquela da Ideologia alemã de Marx: “O ser dos homens é o seu processo de vida real”. Mas esta fórmula assume profundidade apenas se acompanhada de uma clara consciência das condições que garantem o seu efetivo desenvolvimento científico. A este propósito, Gramsci tem razão de sublinhar que em tal caso o conceito de homem não deve ser assumido na sua acepção especulativa habitual [...] Ele responde: “Que a natureza humana seja ‘o complexo das relações sociais’ é a resposta mais satisfatória, porque inclui a ideia de vir a ser: o homem se torna, muda continuamente com a mudança das relações sociais, e porque nega “o homem em geral” [...]. (SÈVE, 1973, p. 340-341, tradução nossa).

Como se vê, Gramsci considera somente o aspecto *histórico e dialético* da concepção da essência humana expressa na VI *Tese sobre Feuerbach*; mas não parece prestar atenção suficiente ao aspecto *materialista* igualmente fundamental da exterioridade e da objetividade sociais da essência humana em relação aos indivíduos. Como consequência, ele rejeita justamente o falso materialismo de uma concepção *biológica* da essência humana em vantagem de uma sua concepção *histórica*: “A natureza do homem é a história”. Mas isto ainda não é suficiente para distinguir radicalmente a perspectiva antropológica do *materialismo* histórico daquela que se encontra nos historiadores *não materialistas*. Na falta de uma afirmação clara das relações materialistas entre a história das relações sociais e a história dos indivíduos, arrisca-se não conseguir superar o ambíguo nível de um humanismo historicizado, “praxizado”, mas não completamente livre das ilusões especulativas ou até mesmo idealistas. Bastante criticável deste ponto de vista é a afirmação contida, sempre no mesmo texto, segundo a qual

[...] é necessário elaborar uma doutrina em que todas estas relações [sociais] [integração de L. Sève] estão ativas e em movimento, fixado bem claro que a *sede desta atividade é a consciência do homem individual* que etc... Aqui é evidente que não foi eliminado completamente o risco de confusão “humanista”, ou seja, de um escorregão em direção a um idealismo histórico. (SÈVE, 1973, p. 340-341, tradução nossa).

Mais radical é a abordagem de Sebastiano Timpanaro que em seus estudos sobre o materialismo⁵ se contrapõe à tradição do “marxismo ocidental idealizante”, percebido dentro de uma ótica de historicismo humanista na qual tem lugar uma verdadeira eclipse do materialismo. Em tal abordagem não faltam referências explícitas a Gramsci, cuja “[...] atenuação do marxismo [...] se expressou, ademais, na definição do marxismo como ‘filosofia da práxis’ (definição não devida, como já é reconhecido, somente à censura carcerária, e por outro lado, preexistente ao próprio Gramsci)”. (TIMPANARO, 1975, p. 21-22, 35-36, 241, tradução nossa). Em outra parte observa:

A polêmica historicista contra o “homem em geral”, muito justa enquanto não nega que sejam próprias da humanidade em geral certas características histórico-sociais como a propriedade privada ou a divisão em classes, se torna errada quando descuida do fato que o homem como ser biológico, dotado de certa (não ilimitada) adaptabilidade ao ambiente externo, dotado de certos impulsos à atividade e ao alcance da felicidade, sujeito à velhice e à morte, não é uma construção abstrata e não é nem mesmo um nosso antepassado pré-histórico, uma espécie de



pitecantropo já superado pelo homem histórico-social, mas existe ainda em cada um de nós e com toda probabilidade existirá também no futuro. Mudam, certamente, em consequência do desenvolvimento da sociedade, os modos de sentir a dor, o prazer e outras reações psicofísicas elementares; não há mais no homem hodierno quase nada de “puramente natural”, que não tenha sido enriquecido e remodelado pelo ambiente social e cultural. Mas, todavia, aqueles aspectos gerais da “condição humana” permanecem e as características específicas introduzidas pelas várias formas da vida associada não foram tais a ponto de subvertê-las completamente. Sustentar que, assim como o “biológico” é nada e o “social” é tudo, seria, mais uma vez, um sofisma idealista. (TIMPANARO, 1975, p. 21-22, 35-36, 241, tradução nossa).

Para mim é muito claro que uma discussão apropriada sobre todos estes pontos teria necessidade de amplas e articuladas argumentações que concernem sejam os diversos aspectos e momentos da elaboração de Gramsci, sejam as referências à história cultural do século XX.

Eu gostaria, principalmente, de realizar uma verificação dos procedimentos do próprio Gramsci, tomando como caso de exame a nota acima indicada do Caderno 10.

No caso da nota em questão, deveria ser considerado que algumas expressões recorrentes têm uma relevância especial no texto, como se fossem menções em destaque: em especial as expressões que dizem respeito à concepção do homem como “processo” (dos seus atos) e aquelas que têm a ver com a definição de “relações” das quais o homem faz parte.

O leitor notará facilmente que tais expressões assumem no texto o andamento de um motivo de sustentação, como se fossem marcadores da escritura que assinalam seja o escandir do percurso de partida que a meta do raciocínio. Tal marcação da escritura não é casual e deve ser interpretada como um indicador de intenções.

Sigamos o texto:

1. O que é o homem? Não homem singular em cada singular momento, mas a um nível de abstração mais geral.

1.2. Digamos então que o homem é um processo e exatamente o processo dos seus atos.

1.3. Em relação ao que temos refletido e visto, ao que somos e ao que podemos nos tornar, se realmente somos artífices de nós mesmos e dentro de quais limites.

1.4. Tal resposta responde a uma pergunta que tem uma história sua, a partir do catolicismo (parênteses no desenvolvimento do texto sobre o catolicismo).

Retomadas todas as filosofias até agora existidas, pode-se dizer que reproduzam esta posição do catolicismo (individualidade e espírito da individualidade).

1.5. Programa: É sobre este ponto que é necessário reformar o conceito de homem. Em outras palavras é necessário conceber o homem como uma série de relações ativas (um processo) em que etc...

“Digamos então... um processo e exatamente o processo dos seus atos”: Por que “digamos”? E por que “exatamente”?



2. Reformar o conceito de homem: uma série de relações ativas (um processo).
 - 2.1. Assumir o programa de reformar o conceito.
 - 2.2. Nesse ínterim redefinir processo dos seus atos como série de relações ativas
3. O indivíduo + os outros homens + a natureza.
 - 3.1. Mas com os outros homens enquanto parte de organismos simples e complexos.
 - 3.2. A natureza não apenas porque o homem é natureza, mas porque com esta se relaciona com o trabalho e com a técnica. E mais adiante, no ponto 4.4 também os instrumentos “mentais”.
4. Como são tais relações:
 - 4.1. Não mecânicas, mas ativas e conscientes → cada um muda a si mesmo na medida em que muda e modifica todo o complexo de relações → o filósofo real é o homem-político ativo que muda o ambiente → fazer-se personalidade significa adquirir consciência de tais relações, modificar a personalidade significa modificar as relações.
 - 4.1.1. Retorno e especificação: serve, mas não é suficiente a modificação por parte do homem indivíduo, é necessária também a modificação por associação com outros homens, em direção a mudanças “racionais”.
 - 4.2. Não simples: algumas mecânicas, outras voluntárias.
 - 4.3. As necessárias conhecidas na suas necessidades mudam de aspecto e de importância.
 - 4.3.1. Conhecê-los geneticamente em seu movimento de formação: cada indivíduo não é apenas a síntese das relações, mas também a sua história.
 - 4.4. As sociedades das quais o homem indivíduo pode participar, são muito numerosas.
 - 4.5. Homem vivendo em sociedade: sociedade dos homens e das coisas.
 - 4.5.1. Não em sentido mecanicista e determinista. Especificação do programa 2.1: “É necessário elaborar uma doutrina em que todas estas relações estão ativas e em movimento, fixando bem claro que a sede desta atividade é a consciência do homem individual que...”.

Deve ser considerado quanto e como Gramsci seja um pensador que escreve sempre “em situação”, isto é, que pensa e escreve *für ewig* somente discutindo contemporaneamente no contexto presente e para um futuro alcançável a partir deste.

Esta nota – assim como muitas outras ou talvez todas – não pode ser compreendida senão reconstruindo os interlocutores assumidos. Nesta nota também – aliás, como em outras –, Gramsci tende a assumir terminologias de outros a fim de, por um lado contestá-las, mostrando seus limites conceituais internos, e por outro de utilizá-las com a atribuição de novos significados e possibilidades de uso e de interpretação, com desenvolvimentos, trações ou torções de intenções e de significado não sempre correspondentes àqueles do original⁶.

A definição de homem como processo dos seus atos é de Croce: esta pertence à sua filosofia, mas consta também no texto *Fragments de ética* que Gramsci possuía no cárcere⁷.

Para o andamento da nota proponho considerar tal definição indicada por Gramsci como uma citação verdadeira e própria.



Quando Gramsci escreve “digamos então que o homem é um processo e mais exatamente é o processo dos seus atos” ele com o “digamos” usaria uma forma impessoal (equivalente àquela passiva: “diz-se”). Mas com quem digamos, por quem é dito? Por Croce, exatamente, com uma circulação difusa de tal formulação “e mais precisamente” indicaria que se trata mesmo de remeter a uma ascendência determinada da formulação, ou até mesmo de uma citação.

Além disso, não se esqueça da sequência das notas dentro da qual aquela se coloca textualmente, amplamente e especificamente, dedicada à filosofia de Benedetto Croce.

Levar-nos-ia muito longe, e ainda não deve ser esquecida, a questão de quanto tal atenção a Croce derive a Gramsci de considerações e motivações próprias e quanto de sugestões externas (de Togliatti através Sraffa), quanto derive de considerações absolutas de relevância teórica e quanto de considerações contingentes ao papel das elaborações crocianas na cultura italiana e as possibilidades e necessidades de uma contestação que permitisse uma sua recuperação, em modo a predispor os elementos teóricos para uma verdadeira e própria operação cultural dos significados políticos implícitos. Outra questão ainda: quanto da apresentação e da utilização de Gramsci de Togliatti no pós-guerra se insira na política cultural e de atenção aos intelectuais tradicionais do Partido Comunista Italiano. Não retomarei o tema, a não ser para sublinhar que, um pensador ativo nos anos trinta, em tal modo é apresentado e percebido na cultura italiana e depois na europeia e mundial como um pensador do pós-guerra.

Para o andamento da nota proponho considerar o conjunto de relações e a sua especificação em necessárias e voluntárias, como uma retomada-citação, do prefácio de 1859 de Marx a *Para a crítica da economia política*, que Gramsci tinha à disposição no cárcere e da qual fizera uma tradução no Caderno 7: “Na produção social da sua vida, os homens começam a fazer parte de relações determinadas, necessárias independentes de sua vontade, relações de produção que etc...”.

Como já havíamos visto, o texto de Gramsci é um molde linguístico, mas com diferenças significativas: Primeiramente no âmbito considerado: na vida (Gramsci), “na produção social da sua vida” (Marx); na ausente ou presente ênfase à preexistência de relações estruturais: entram em relação (Gramsci), “começam a fazer parte de relações” (Marx); em sua diversa tipologia e qualificação quanto à autonomia e à constrição: algumas necessárias, outras voluntárias (Gramsci), “determinadas, necessárias, independentes da sua vontade” (Marx). A consideração diversamente dirigida, nestes textos, à vida dos homens (Gramsci) e à produção (Marx) explicam uma parte das diferenças, mas talvez não todas. Consequentemente muda o objeto das reflexões, às quais um ou outro se refere com o mesmo termo “consciência”, assim como as tramas explicativas assumidas: se naquele texto de Marx é a consciência social e coletiva e a sua forma nas classes, em Gramsci é, em presença das formas coletivas e em relação com essas, a consciência dos indivíduos; se em Marx é condicionada pelo ser social, em Gramsci é lugar de conflito interior e de possível inventário crítico e escolha dialética; se neste texto de Marx a consideração vai do social ao individual, em Gramsci vai do individual ao social. Trata-se de diferenças que assumem em Gramsci o significado de integrações e correções, talvez também segundo uma intenção consciente.



Também daqui o sentido da indicação de um programa (no tom do início da nota, na conclusão: “é necessário elaborar uma doutrina...”), o qual não se refere apenas à necessidade, a fim de luta ideológica e política, de contestar as posições correntes e as configurações prevalentes com a difusão de uma filosofia já elaborada antagonista, mas, exatamente, à necessidade de uma nova ou mais adequada elaboração. Contemporaneamente Gramsci é bem consciente de que Marx não está todo naquele texto e, portanto, com base em seus conhecimentos, se esforça em indicar elementos de harmonização. Nas *Notas sobre Feuerbach*, traduzidas por Gramsci no cárcere no mesmo Caderno 7, encontra-se a consideração de que a “[...] realidade humana não é uma abstração imanente [...]” mas o “[...] conjunto das relações sociais”. Poderia ser acrescida a interpretação de Marx como fundador da filosofia da práxis e elaborador de uma crítica social na qual tem grande lugar a crítica das ideologias, para a qual, não apenas as ideias dominantes são as ideias da classe dominante, mas “os homens tomam consciência dos conflitos de estrutura no terreno das ideologias”, segundo uma consideração cardinal e recorrente (até mesmo na forma de expressão lexical) nas páginas dos *Cadernos*, explicitamente ou implicitamente reconduzida a Marx.

Enfim, eu gosto de lembrar que exatamente nos mesmos meses nos quais Gramsci havia permanecido em Moscou, Vygotsky, havia publicado o seu famoso texto *A consciência, como problema da psicologia do comportamento*. Não temos nenhuma prova e nem mesmo nenhum indício que sugira um conhecimento por parte de Gramsci daquele texto e da problemática da nova psicologia de Vygotsky, até para quem tem alguma habilidade com os textos de Vygotsky e as suas problemáticas, ainda continua difícil negar mesmo que em via hipotética, que Gramsci não tenha tido indício deste. Como exemplo, nesta mesma nota a consideração de que a individualidade tem sede na consciência. Mas sobre isso, na falta de documentações maiores, devemos proceder conscientes de desenvolver considerações extra textuais, confortados também por vários estudos que aproximam conceitualmente as abordagens gramscianas e aquelas vygotkianas.

Assim, a nota tem um desenvolvimento no qual se assumem as formulações crocianas como tese hipotética: aquele “digamos então” teria o sabor de uma concessiva: “digamos ainda etc.”.

Mas tal expressão e tais conceitos podem ser assunto somente se interpretado o processo dos atos do indivíduo como a participação do indivíduo no sistema das relações sociais. E em tal novo contexto, colocamos o problema da consciência e da personalidade e o do programa de uma elaboração compatível com a teoria social de Marx.

Neste sentido, pode-se dizer que as perplexidades de Luporini, de Sève, de Timpanaro derivassem da percepção, fundada, das ascendências neo-idealistas e antimaterialistas das palavras de Gramsci, sem que, contemporaneamente, estes tivessem plena percepção de quanto e como houvesse de sua parte uma assunção argumentativa, intencional, feita para contestá-las e decliná-las em outro contexto de referências e com outros horizontes orientadores.

Enfim, será considerado quanto em tal modo Gramsci trazia à tradição do marxismo



e da sua percepção (diferente da elaboração de Marx), tão centrada sobre o social, sobre o econômico e sobre o político, o tema da teoria da personalidade e da antropologia, o tema não mais do intersíquico, mas do intrapsíquico.

Diante de tais citações e menções internas ao texto é possível lê-lo de modo a evidenciar o raciocínio de Gramsci, que se desenvolve: a) assumindo como interlocutor Croce, mencionado com algumas expressões típicas e textuais b) interpretando-o com um desenvolvimento de significado até fazer deslanchar o campo semântico daquelas expressões c) parafraseando sobre tal novo terreno conceitual algumas expressões textuais de Marx conduzidas do social ao tema individual.

Por isso, a argumentação inteira, resultaria de uma assunção de posições antimaterialistas por motivo de argumentação e não de adesão teórica, desenvolvidas de forma tal que possam ser recuperadas no interior de uma nova leitura de Marx, sobre o tema do indivíduo (esta também conduzida com claríssimas menções textuais), dirigida à materialidade dos processos e das relações humanas.

Aqueles que têm lido tal nota de Gramsci como uma forma de anti ou a-materialismo têm na realidade colhido o sabor que deriva das assunções iniciais crocianas, mas não têm colhido o fato de que tais formulações são introduzidas por Gramsci como assunção de um interlocutor e de uma forma de pensamento a ser contestada e desenvolvida em outra direção, até transformá-las no interior de expressões lexicais marxianas, que daquelas assunções são uma contestação...

REFERÊNCIAS

GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere** – Edizione critica dell’Istituto Gramsci. Turim: Einaudi, 2007.

LUPORINI, C. La metodologia del marxismo nel pensiero di Gramsci. in AA.VV. **Studi gramsciani**. Roma: Editori Riuniti, 1969.

RAGAZZINI, D. **Teoria da personalidade na sociedade de massa**: a contribuição de Gramsci. Tradução de Maria de Lourdes Menon. Campinas: Autores Associados, 2005.

SÈVE, L. **Marxisme e théorie de la personnalité**. Paris: Editions Sociales, 1973.

TIMPANARO, S. **Sul materialismo**. Pisa: Nistri-Lischi, 1975.

Notas

¹ Versão traduzida do ensaio “Sulla antropologia di Antonio Gramsci”. Tradução de Patrícia Rizzotto (graduada em letras pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – E-mail: rizzottotraducoes@gmail.com) e Mario Borges Netto (Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – E-mail: borgesnetto@uft.



edu .br).

² Professor doutor de História da Educação, Departamento de Ciências da Educação, da Università degli Studi Firenze / Itália. Email: dario.ragazzini@unifi.it

³ C. Luporini, *La metodologia del marxismo nel pensiero di Gramsci*, in AA.VV., *Studi gramsciani*, Roma, Editori Riuniti, 1958, cito da reedição de 1969, pp. 456 e 459.

⁴ L. Sève, *Marxisme e théorie de la personnalité*, Paris, Editions sociales, tradução italiana, Torino, Einaudi, 1973, pp. 340-341; itálico do autor.

⁵ Eu me refiro, em especial, aos estudos publicados no volume com o título, *Sul materialismo*, Pisa Nistri-Lischi, 1971. Cito da segunda edição, 1975, respectivamente das páginas 241, 35-36 e 21-22.

⁶ Veja, mas é apenas um exemplo, no primeiro capítulo deste livro o procedimento com o qual, na nota 33 do Caderno 4, Gramsci desenvolve uma elaboração autônoma, feita com a utilização e o uso de terminologias contestadas - na utilização frequentemente contestadas e modificadas - : lemas presentes no debate político desenvolvido em referência à publicação de *Il sovrano* de De Meis ao longo da segunda metade do século XIX e depois reunido em volume por Croce, são reinventados por Gramsci dentro de sua própria assunção.

⁷ Trata-se de uma coletânea publicada em 1922 e retomada em 1931 no texto de Croce *Etica e politica*. A expressão textual retomada por Gramsci aparece naquele intitulado *La perfezione e l'imperfezione*, p. 115.

Submetido em: 07/05/2017

Aprovado em: 30/06/2017